



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 23 - dezembro de 2019

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2019i23p158-170>

A Clarice de Benjamim Moser: uma “evidência folclórica”¹

Clarice by Benjamim Moser: “folk evidence”

*Thiago Cavalcante Jeronimo**

RESUMO

Este artigo apresenta posicionamentos críticos acerca dos escritos de Benjamin Moser. Para tanto, apoia-se, sobretudo, nas contribuições de Benjamin Abdala Júnior sobre as coincidências e os equívocos que o norte-americano apregoa na biografia *Clarice*, (lê-se “Clarice vírgula”), nas inferências de Márcia Lígia Guidin a respeito do relançamento da biografia escrita pelo biógrafo pelo selo da Companhia das Letras e, ainda, na pesquisa de Breno Couto Kümmel e Ludimila Moreira Menezes no tocante à introdução que Moser faz à publicação da obra *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, nos Estados Unidos. Busca-se, pautando-se pelos pronunciamentos dos críticos supramencionados, averiguar nas publicações do norte-americano um discurso marcado por elementos antiéticos e da ordem da ilegitimidade.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Lúcio Cardoso; Benjamin Moser; Biografia

ABSTRACT

This article presents critical positions on the writings of Benjamin Moser. To this end, it relies mainly on the contributions of Benjamin Abdala Júnior on the coincidences and misunderstandings that the American writer proclaims in the biography *Why this world*: a biography of Clarice Lispector, in the inferences of Marcia Lígia Guidin on the re-launching of the biography written by the biographer and published for Companhia das Letras publishing house, as well as in the research of Breno Couto Kümmel and Ludimila Moreira Menezes regarding the introduction that Moser does for the publication of *Chronicle of the murdered house*, by Lúcio Cardoso, in the United States. Based on the pronouncements of the above-mentioned critics, the article searches for a discourse marked by unethical elements and the order of illegitimacy in the American publications.

KEYWORDS: Clarice Lispector; Lúcio Cardoso; Benjamin Moser; Biography

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

* Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM – São Paulo – SP – Brasil – thiagocavalcante@live.com

Não minto para formar verdades falsas. Eu poderia relatar a mim mesma o que me lisonjeasse, e também fazer o relato da sordidez. Mas tenho que tomar cuidado de não confundir defeitos com verdades.
(LISPECTOR, 1998, p. 27)

Perto do coração selvagem (1943), segundo Antonio Candido, acentuou no panorama da literatura brasileira “uma virada fecunda” à produção ficcional até então desenvolvida no Brasil porque, o romance, na voz assertiva do crítico, anunciava “um desvio criador”, “uma possibilidade diferente”, uma vez que os recursos operados na obra inaugural de Clarice Lispector expandiam a prosa experimental dos modernistas:

[...] Não era a mesma coisa que a prosa renovada dos grandes modernistas do decênio de 1920, Oswald de Andrade em *Memórias Sentimentais de João Miramar*, Mário de Andrade em *Macunaíma*. Esses eram homens de guerra literária e inventaram linguagens como armas conscientes de choque, para derrubar a cidadela acadêmica. Neles, a inovação foi inseparável do saudável escândalo transformador, e por isso anunciava a si própria e se realizava como programa, sem deixar, evidentemente, de ser a mais legítima, mesmo porque era a melhor e mais brilhante fórmula de seu tempo. (CANDIDO, 1988, p. XVII).

Clarice, no entanto, retira da linguagem a subordinação que a atrelava ao tema, “este passava a segundo plano e a escrita a primeiro” (CANDIDO, 1988, p. XIX). Ocorrência que, se voltada a atenção aos três anos precedentes à publicação de *Perto do coração selvagem*, isto é, 1940, o leitor atento encontrará, no primeiro conto publicado pela autora, “Triunfo”, o esboço que servirá de base para os escritos vindouros de Lispector. Os dois textos citados, conto e romance, revelam uma perquirição da escritora que, singular e ousadamente, desestabiliza o conceito de literatura à época vigente, confiando arrojo e expressiva tensão à estrutura verbal.

Ao contrário das narrativas dos escritores da geração de 1930, seus contemporâneos, o campo de visão da autora não apreende um sertão externo, narrando as mazelas de uma realidade empírica, de uma pobreza e sequidão retumbante – a ficcionista direciona o olhar, e o faz por meio de linguagem acentuadamente própria, a outra esfera de sequidão, correspondente ao mundo interior das personagens, identificada com temas de diferente complexidade. É de Clarice, no livro póstumo *Um sopro de vida*, a precisa explanação: “A minha vida tem enredo verdadeiro. Seria a história da casca de uma árvore e não da árvore.” (LISPECTOR, 1999b, p. 20).

Nessa perspectiva, sucedendo aos romances chamados “regionalistas” e “locais”, de origem, sobretudo, nordestina e gaúcha, que anos após a Semana de Arte Moderna de 1922 vincaram à escrita brasileira um processo de documentar a realidade do Brasil em tom de denúncia, num engajamento evidentemente social. *Perto do coração selvagem* avança em direção distinta: o sertão para Clarice não está condicionado ao local físico: nela, o universal prevalece, implicando um mergulho nas profundezas do ser.

Com efeito, a imersão que a escritura de Clarice Lispector evidencia, ao mesmo tempo que a diferencia dentro do cânone literário brasileiro, coloca-a em lugar de destaque no panorama literário de língua portuguesa. Esse reconhecimento, intensificado às vésperas do centenário de seu nascimento, faz com que a cena literária nacional e internacional tragam a público inúmeros eventos em homenagem à autora que fez da língua portuguesa sua vida interior e das credices nordestinas um processo de aprendizagem: “Fiz da língua portuguesa a minha vida interior, o meu pensamento mais íntimo, usei-a para palavras de amor. [...] Minhas credices foram aprendidas em Pernambuco, as comidas que mais gosto são pernambucanas.” (LISPECTOR, 1999a, p. 320).

Passadas quatro décadas da publicação de *A hora da estrela* (1977), último livro lançado em vida por Clarice, a obra da autora reivindica leituras atuais, confirmando uma literatura que não se prende ao tempo de sua produção, mas alcança a contemporaneidade. Ano após ano, sua produção tem atraído olhares que ultrapassam o terreno literário. Seus textos são analisados no âmbito jornalístico, filosófico, psicanalítico, dentre outros. A abrangência de seu trabalho, quer como cronista, entrevistadora, colunista feminina, repórter, dramaturga, contista ou romancista marca desdobramentos de uma personalidade artística que ousou fazer do verbo, já comum às letras brasileiras, recriações para além do que foi imposto literariamente. Na observação atenta de Antonio Candido, Clarice Lispector “[...] soube transformar em valores as palavras nas quais muitos não veem mais do que sons ou sinais.” (1970, p. 131).

Nádia Battella Goltib, uma das principais vozes lídimas acerca da obra e da vida de Clarice Lispector, ao discorrer a respeito do vigor e da qualidade estética da escritora, infere: “Seria intuição? Seria perspicácia na observação? Seria um projeto consciente, minuciosamente programado? Talvez nem mesmo Clarice pudesse explicar essa pujança de criatividade.” (2017, s/p).

Justamente essa potência criativa é a que tem despertado o aumento de interesse pela poética clariceana, seja no Brasil, seja no exterior, desde a publicação de seu

primeiro romance. Fato esse que comprova o quanto é errônea a interpretação de que Benjamin Moser seja o principal divulgador da escritura clariciana além do limite imposto pelo idioma português. Em verdade, como assegura a biógrafa:

Clarice é muito lida no Brasil e no exterior. No Brasil começou a ser mais popular quando passou a colaborar na revista *Senhor*, no início dos anos 1960 [...]. E no exterior, começou a ser traduzida nos anos 1950, nos Estados Unidos. E nos anos 1960, na França. No começo desse nosso século já tinha sua obra praticamente completa traduzida em algumas línguas, com exceção das cartas, que têm edição mais recente no Brasil. Nesses últimos quase setenta anos houve tantas traduções que, há cinco anos, tive informação de que havia sido traduzida já em cerca de 30 países e em línguas como o búlgaro, o finlandês, o japonês, o hebraico, o russo, o tcheco, o turco, o coreano, entre outras... (GOTLIB, 2017, s/p).

Ocorrência que situa Clarice Lispector como uma das mais importantes escritoras do século XX, ao lado de Marguerite Duras e de Virginia Woolf, para citar dois exemplos de larga notoriedade internacional.

Tratando dos aspectos biográficos da autora, por ocasião do lançamento de *Clarice*, (lê-se “Clarice vírgula”), biografia escrita por Benjamin Moser, publicada no Brasil em 2009 pela extinta Cosac Naify, o professor Benjamin Abdala Júnior, da Universidade de São Paulo, identifica, em resenha que produz do livro de Moser, inúmeras semelhanças com a biografia *Clarice: uma vida que se conta*, lançada por Nádia Battella Goltib pela editora Ática, em 1995, e relançada pelo selo Edusp, a partir dos anos 2000.

O crítico, sem se valer do termo *plágio*, aponta as coincidências, isto é, pareências no percurso enunciativo do texto de Moser visivelmente presentes no texto de Gotlib: capítulos curtos; intenção de expor o retrato multifacetado das diversas Clarices “[...] pela empregada, pela vizinha, pelos parentes, amigos, jornalistas, críticos, escritores, para concluir que... Clarice permanece como enigma [...]” (ABDALA JUNIOR, 2010, p. 286); afora outras *semelhanças* que não passariam despercebidas a um leitor atento.

Mas há diferenças. O percurso anteriormente registrado por Nádia Gotlib é indiscutivelmente ético e com abalizada estrutura crítica. Ou seja, o trabalho de Gotlib está em conformidade com toda e qualquer pesquisa idônea em prol da coerência e da qualidade, com vistas tanto ao público acadêmico quanto ao público leitor em geral; o

de Moser, pelo contrário, resvala no sensacionalismo e conta com interpretações de apriorismos às faces apresentadas de Clarice.

As semelhanças não estão só na trilha narrativa. Se no livro de Nádía Gotlib há um subcapítulo intitulado ‘As receitas da bruxa’, no de Moser há capítulo intitulado ‘A bruxa’. No da crítica brasileira há ‘Os diálogos possíveis’, no de Moser há ‘Diálogos possíveis’. Em *Clarice, uma vida que se conta* há ‘O furacão Clarice’, em *Clarice, ‘Furacão Clarice’...* No final do último capítulo do livro de Benjamin Moser, mais uma coincidência: o autor transcreve a cena de Clarice no hospital quando se dirige à enfermeira para afirmar a dramática frase: ‘Você matou meu personagem’. Moser escolhe, para integrar parte final do último capítulo do seu livro, a mesma cena com que Gotlib termina o seu livro. (ADBALA JÚNIOR, 2010, p. 288).

Abdala Júnior é incisivo ao apontar as relações de coincidências que Moser pontua em sua biografia. A palavra *plágio* não é, de fato, materializada no artigo do crítico; tampouco o é no ensaio “Uma biografia pop”, de Márcia Lígia Guidin, veiculado pelo *Jornal Rascunho* em 2017. Todavia, Guidin não faz vistas grossas à questão e esclarece:

A biografia de Nádía foi seu sustentáculo maior (nas notas, o livro de Gotlib é citado 55 vezes), ou seja, o biógrafo escolheu citar ‘*apud*’. O que é isso? Moser optou por trazer depoimentos, trechos, fatos, diretamente dos outros livros – e não de supostas fontes primárias e suas. [...] Não posso falar em plágio, nem Moser nega ou esconde tais fontes. O problema é que a massa documental que compõe suas fontes é confortável demais para um biógrafo ‘definitivo’. (2017, p. 14-15).

Evidentemente, o percurso trilhado por Benjamin Moser já havia sido estabelecido nas biografias *Clarice, uma vida que se conta*, de Nádía Gotlib, e *Clarice, eu sou uma pergunta*, de Teresa Montero². Para citar duas das biografias de relevância acerca de Clarice Lispector.

A questão não é enaltecer quem biografou antes, muito menos preferir o universo acadêmico ao mundo amplificado das mídias. Obviamente, cada biografia parte de um foco ou interesse específico. O de Moser (incontáveis são as entrevistas) sempre foi conhecer e “reconhecer-se” na autora por quem se apaixonou. A biografia de Nádía Gotlib desejou, como diz a autora³, “entrelaçar vida e obra a partir da *leitura*

² O livro escrito por Teresa Montero, *Clarice: eu sou uma pergunta*, é um importante registro biográfico; contudo, a pesquisa de Montero não ganha atenção neste artigo em virtude de o recorte aqui traçado se ater somente às produções de Gotlib e de Moser.

³ A transcrição direta e completa do livro de Gotlib se materializa com o seguinte esclarecimento: “Neste

crítica de textos e de dados biográficos, sem que *equivocadamente se estabeleçam mútuas relações de dependência*. (GUIDIN, 2017, p. 14, grifos da autora).

Desprovido dessa intenção crítica observada por Guidin, Benjamin Moser, na condição de judeu⁴, conflui em sua produção biográfica e crítica aspectos judaicos questionáveis não apenas à escritura de Clarice Lispector, como às vivências pessoais e religiosas da autora. Fatos reiterados pelo crítico no livro de “ensaio” *Autoimperialismo*, que, ao tecer considerações provocadoras acerca do Brasil – com extrema vontade de prender Clarice à cultura judaica –, desconsidera o posicionamento refrangente da autora acerca dos seus antecedentes, isto é, do povo intitulado judeu, e a real condição da autora: cidadã brasileira⁵. Diz o biógrafo:

Embora [Clarice] tenha se tornado uma das glórias da literatura brasileira, *ela sempre esteve em desajuste com a cultura nacional*. Sua vida se assimilava mais à dos judeus refugiados do século XX do que à realidade especificamente brasileira. (MOSER, 2016, p. 98, grifos nossos).

Ora, Clarice registrou, criticamente e inúmeras vezes, seu desejo de pertencimento *ao Brasil*:

Sou judia, você sabe. Mas não acredito nessa besteira de judeu ser o povo eleito de Deus. Não é coisa nenhuma. Os alemães é que devem ser, porque fizeram o que fizeram. Que grande eleição foi essa, para os judeus? Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto. (LISPECTOR *apud* COUTINHO, 1980, p. 165-170).

Ela jamais quis se aproximar da Rússia, embora, como esposa do diplomata Maury Gurgel Valente, teve oportunidades de voltar ao país dos seus antepassados. Não o fez. E reiterou em crônica, no período em que trabalhou no *Jornal do Brasil* (1967-1973), seu pertencimento e brasilidade:

livro entrelaçam-se vida e obra de Clarice Lispector. Dados de informação de ordem biográfica e dados de leitura crítica de seus textos alternam-se e complementam-se, sem que, equivocadamente, se estabeleçam mútuas relações de dependência.” (GOLTIB, 2009, p. 19).

⁴ Em entrevista concedida à *Revista Época*, Benjamin Moser ao mesmo tempo que acentua sua condição de judeu, recai na incredibilidade: “Faço questão, como judeu, de apresentar Clarice, uma judia refugiada, ao povo palestino, tão oprimido e que sofreu muitos dos mesmos abusos que sofreram os judeus. Eu acho que quem vai acabar com a ocupação na Palestina é Clarice Lispector.” (MOSER *apud* RODRIGUES; GABRIEL, 2016, s/p).

⁵ Teresa Montero registra que “Em 10 de abril de 1942, no quinto andar [do Palácio da Justiça, RJ], na sala de audiências da Vara de Registros Públicos, Clarice Lispector leu o artigo 35 da Constituição Federal, declarando renunciar a nacionalidade russa e adotar a brasileira.” (MONTERO, 2018, p. 39).

Na Polônia eu estava a um passo da Rússia. Foi-me oferecida uma viagem à Rússia, se eu quisesse. *Mas não quis*. Naquela terra eu literalmente nunca pisei: fui carregada de colo. Mas lembro-me de uma noite, na Polônia, na casa de um dos secretários da Embaixada, em que fui sozinha ao terraço: uma grande floresta negra apontava-me emocionalmente o caminho da Ucrânia. Senti o apelo. A Rússia me tinha também. *Mas eu pertença ao Brasil*. (LISPECTOR, 1999a, p. 353, grifos nossos).

A estrangeira, mas por desejo e conscientização, brasileira Clarice Lispector, além de refutar todo e qualquer vestígio de ligação com o passado judaico, vivenciado por seus pais, *não por ela*, como tenta reduzir Benjamin Moser⁶, longe de comungar com os preceitos religiosos ou estéticos do judaísmo, escolheu como bandeira o sincretismo tão comum à espiritualidade e à vivência brasileiras: suas personagens recorrem a cartomantes, os títulos de seus romances rementem explicitamente ao cristianismo – *A paixão segundo G.H.* (1964), *Água viva* (1973), *A via crucis do corpo* (1974) –, e a entrevistadora Clarice Lispector assume a simpatia que passa a nutrir pela principal entidade da religião afro-brasileira: “Exu, que já é meu amigo do peito e vai me ajudar em tudo [...]. Exu é poderoso.” (LISPECTOR, 2007, p. 218).

Clarice não se declarou espiritualista, nem judia, nem cristã. Tampouco suas obras privilegiam uma ou outra inclinação religiosa. Entretanto, as diversas religiões – com aguda criticidade da autora – ganham espaço em sua poética, não como fio estruturador ou apriorismo, como Moser tenta inculcar com o judaísmo, mas, como água-viva, sem osso, fluem sem firmar predileção ou devoção.

Moser abre mão de ver como esta escritora escolheu apostar numa escrita que, após os anos 40, teve a ousadia de dar as costas para o [...] regionalismo neonaturalista brasileiro e “escapar do ramerrão”. Para compreender Clarice Lispector, arrisco dizer que se deve pensar muito menos na ancestralidade de seu povo e mais na literatura vigente à qual Clarice, em sua modernidade, *e em bom português*, dará vigorosamente as costas (GUINDIN, 2017, p. 15, grifos nossos).

Pontuadas as coincidências ou posta luz às semelhanças que o biógrafo norte-americano evidencia na escrituração de sua *Clarice*, sobretudo nos 55 *apud* explicitamente referentes à pesquisa de Nádya Battella Gotlib, bem como no equívoco

⁶Diz o biógrafo: “Em *Clarice, uma biografia*, examinei as raízes da autora no misticismo judaico e o impulso essencialmente espiritual que anima sua obra.” (2016, p. 21).

de circunscrever a estética e vivência de Lispector “a uma espécie de gueto”⁷ religioso, para usar a expressão de Berta Waldman (2003), abre-se, agora, reflexão à infundamentada afirmativa que Moser faz acerca da doença de Marieta Lispector, mãe de Clarice.

Um dos grandes temas divulgados a par do lançamento de *Clarice*, no Brasil, em 2009, foi o *marketing* sensacionalista que alevantou o texto de Moser como portador de um ineditismo concernente à doença pela qual que a mãe de Clarice fora acometida. Na verdade, o sensacionalismo impera na divulgação e na materialidade da biografia com aspectos desdobrados: a perseguição aos judeus (daí a questão enfática de aprisionar a escrita e a vivência da autora ao judaísmo) e o abuso sexual infundado delegado à Marieta. Eventos, não há dúvida, que causam um apelo sentimental e, em certa instância, confluem ao aumento das vendas.

Nesse veio, para sustentar suas interpretações possíveis, mas inverossímeis, Moser *ficcionaliza* o passado da família Lispector no seu *Clarice*, isto é, o leitor ingênuo acaba aceitando como verdade o que é criação interpretativa: “Com certeza absoluta, o autor identifica o crime (estupro), o criminoso (bolcheviques russos) e o diagnóstico de doença ‘proveniente’ desse crime (sífilis).” (ABDALA JUNIOR, 2010, p. 288).

Essa incoerência, “tortuosa convicção”, na expressão alcunhada por Márcia Guidin, é levada ao extremo durante toda a narrativa biográfica do autor, a ponto de Moser interpretar o já citado romance *A paixão segundo G. H.* como texto condicionado ao abuso que ele enfatiza ter acontecido com Marieta, mãe de Clarice:

Oculto sobre a confrontação de G. H. com a barata agonizante está uma lembrança da mãe agonizante da própria Clarice Lispector. A identidade da sua mãe com a barata é um dos aspectos mais chocantes desse livro perturbador. No entanto é difícil evitar a conclusão de que era isso o que Clarice pretendia: “Mãe, bendita sois entre as baratas [...] Como Mania Lispector, a barata está paralisada, esperando a morte: ‘imobilizada, ela sustentava por cima do flanco empoeirado a carga do próprio corpo’. (MOSER, 2009, p. 387).

⁷ Registre-se o posicionamento de Berta Waldman: “Meu intento não é o de transformar Clarice Lispector em escritora étnica, circunscrevendo seu texto a uma espécie de *gueto literário*, mas sim o de estudar o costado judaico de sua ficção como uma expressão da cultura brasileira, que conta com a participação histórica dos judeus em sua expansão pelo continente americano.” (WALDMAN, 2003, p. 18, grifo da autora).

Essa “apropriação simplória do texto literário”, esclarece Guidin, “[...] ocorre na obra toda, e mina a confiança do leitor.” (2017, p. 14). A contrapelo a esse posicionamento reducionista e inconsistente, apresentando dados concretos e fidedignos, Nádia Battella Gotlib esclarece em *Clarice Fotobiografia* – livro que complementa, em imagens, a biografia escrita pela pesquisadora *Clarice, uma vida que se conta* – o quadro clínico materializado na certidão de óbito de Marieta:

Certidão de óbito de Marieta Lispector, falecida em 21 de setembro de 1930 no Hospital Oswaldo Cruz, em Recife, com 41 anos de idade, na época residindo à Rua Imperatriz n. 173, 2º andar. A doença de Marieta Lispector, causada por degenerescência do *sistema neurológico*, foi se agravando ao longo dos anos, a ponto de perder os movimentos e usar cadeira de rodas. (GOTLIB, 2009b, p. 78, grifos nossos).

Nessa perspectiva, o presente artigo reitera as considerações tecidas por Abdala Júnior e Márcia Guidin, de modo a ratificar que a biografia de Moser traz afirmações questionáveis, senão falaciosas. Some-se a isso o fato de, em entrevista concedida à jornalista Mona Dorf, Benjamin Moser salientar que, para construir a biografia de Lispector, fez uso de “toda uma *evidência folclórica*”⁸ (MOSER *apud* FLIPORTONET, 2010, grifos nossos).

Breno Couto Kümmel e Ludimila Moreira Menezes defendem, em texto publicado em dezembro de 2017, na revista de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, *Fronteiras*, a valorização da informação frívola concernente às pesquisas de Moser. Os autores, ao analisar “[...] as considerações interpretativas e biográficas pelo crítico Benjamin Moser na introdução à publicação em inglês do romance *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso [...]” (KÜMMEL, MENEZES, 2017, p. 181), reconhecem na postura do autor uma valorização exacerbada dos temas por ele tratados, isto é, evidenciam no artigo inúmeras futilidades de que o norte-americano se vale para escrever o referido prefácio.

Moser, na introdução que faz à obra-prima de Lúcio Cardoso, em tradução inglesa, põe em relevo a paixão que Clarice Lispector nutriu pelo amigo homossexual. Se, ao escrever uma crônica em homenagem à memória de Lúcio Cardoso, Clarice resguarda essa condição, “Em tantas coisas éramos tão fantásticos que, se não houvesse

⁸ A expressão “evidência folclórica”, dita por Benjamin Moser na FLIPORTO 2010 – Festa Literária Internacional de Pernambuco – encontra-se no link <https://www.youtube.com/watch?v=yFFiA15CC-8&t=1922s> a partir dos 31 minutos do registro audiovisual.

a impossibilidade, quem sabe teríamos nos casado” (LISPECTOR, 1999a, p. 167, grifos nossos), Moser, ao contrário, marca a condição sexual do autor no prefácio que escreve e estabelece vínculos homossexuais inexistentes à personagem de *Crônica da casa assassinada*. Os ensaístas, ao analisar essa questão, asseveram:

Ainda que a produção de todo crítico seja permeada pelos seus interesses anteriores e pessoais, no caso a questão da homossexualidade do autor e seu contato pessoal com sua autora preferida [Clarice Lispector], seria um desafio considerável encontrar algum trecho de qualquer introdução, seja qual for o romance, em que esse aspecto tendencioso do trabalho interpretativo se mostre de maneira mais explícita. Embora na época de sua produção ou mesmo contemporaneamente a obra de Lúcio Cardoso não se equipare à de Lispector na importância e centralidade que o sistema literário lhe concede, não há como entender a colocação de Moser de outra maneira além do *exagero grosseiro* (KÜMMEL, MENEZES, 2017, p. 183-184, grifos nossos).

O descuido tem, de fato, sido comum às proposições de Benjamin Moser. Na ânsia de querer divulgar os escritores brasileiros para além de suas raízes nacionais, o biógrafo se nutre de interpretações equivocadas, tortuosas e descabidas, confundindo texto ficcional com a realidade empírica dos autores⁹. Essa confusão, aqui sinalizada nas interpretações que Benjamin Moser faz dos textos de Clarice Lispector e de Lúcio Cardoso, é também materializada nas análises que o biógrafo faz dos textos ficcionais de Elisa Lispector, irmã mais velha de Clarice. Para Moser, o livro *No exílio*, de Elisa, serve-lhe de sustentação para o estupro de que, segundo ele, a mãe das autoras fora vítima. Marca-se que o texto de Elisa Lispector, embora seja de cunho autobiográfico, não abre espaço para as postulações incabíveis do biógrafo. E, mesmo que abrisse, em que pese aqui a redundância, ficção é produto da memória e da criação.

A propósito, Antonio Candido expôs com clareza a questão que envolve a fronteira entre o real e o ficcional:

Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada

⁹ Esclarecem os pesquisadores: “Ainda que o ímpeto confessional seja inextirpável da expressão de cada um dos personagens, com alguns dos “capítulos” (ou fragmentos narrativos) do livro inclusive recebendo essa denominação, não é possível fazer uma conexão imediatista das páginas com a vida do autor.” (KÜMELL, MENEZES, 2017, p. 190).

obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade. (CANDIDO, 2006, p. 20).

Quanto ao ponto de vista manifestado por Moser ao se reportar ao livro de Lúcio Cardoso, isto é, atribuindo ao personagem Timóteo uma homossexualidade não direcionada por seu autor, o norte-americano

[...] faz uma análise mecânica do personagem de Timóteo, colocando-o de maneira direta como uma metáfora da situação dos homossexuais no país. A colocação soa despropositada até para o crítico, talvez por não haver nenhum indício inequívoco de homossexualidade por parte do personagem (para além de sua forma incomum de se vestir). Não se trata de defender que Timóteo não seria homossexual, e sim de que o tratamento dado pelo livro ao assunto dificilmente dá espaço para uma interpretação como a de Moser, em especial quando o crítico acrescenta que a linguagem do livro para tratar da matéria não seria adequada. (KÜMMEL, MENEZES, 2017, p. 191).

Ora, se a linguagem que Lúcio Cardoso materializa em seu livro não é condizente ao tema da homossexualidade, a interpretação de Moser, assim como o fez do romance citado de Elisa Lispector, é “[...] *descabida* como fundamento para entender a obra [literária].” (KÜMMEL, MENEZES, 2017, p. 192, grifo nosso).

Note-se, pois, que a ensaística de Benjamin Moser persiste em equívocos, estruturando-se incrédula. Se em *Clarice*, como observa Márcia Lígia Guidin, encontram-se registradas “informações supérfluas” com alta remissão a boatos, fofocas, tal recurso é de igual forma tensionado no prefácio assinado por Moser da edição em inglês de *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. A frivolidade, ao que parece, é bandeira sempre erguida quando se trata da voz crítica e da voz biográfica de Benjamin Moser. Cuidado, leitor, não confunda defeitos com verdade.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, B. Biografia de Clarice, por Benjamin Moser: coincidências e equívocos. **Estudos avançados**, v. 24, n. 70, São Paulo: USP, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10508>. Acesso em: 27 set. 2019.

CANDIDO, A. No raiar de Clarice Lispector. *In: Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CANDIDO, A. No começo era de fato o verbo. *In: A paixão segundo G. H.* Ed. crítica. Org. Benedito Nunes. Paris: Association Archives de la littérature latino-

américaine, des Caraïbes et africaine du XXe. siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988. Coleção arquivos, v. 13.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

COUTINHO, E. Uma mulher chamada Clarice Lispector. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 abr. 1976; republicado em *Criaturas de Papel*. Rio de Janeiro/Brasília, Civilização Brasileira/INL, 1980, p. 165-170.

FLIPORTONET. Benjamin Moser e Nádia Battella Gotlib com Mona Dorf, na Fliporto, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yFFiA15CC-8&t=1696s>. Acesso em: 24 set. 2019.

GOTLIB, N. B. **Clarice: uma vida que se conta**. 6. ed. rev. e aum. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009a.

GOTLIB, N. B. **Clarice fotobiografia**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009b.

GOTLIB, N. B. Entrevista: Nádia Battella Gotlib fala sobre Clarice Lispector. **Folha Pernambuco**. Entrevista concedida a Tatiana Notaro do Portal FolhaPE em 09/12/17 às 6h, atualizado em 09/12/17 às 10h52. Disponível em: <http://www.folhape.com.br/diversao/diversao/literatura/2017/12/09/NWS,51542,71,585,DIVERSAO,2330-ENTREVISTA-NADIA-BATTELLA-GOTLIB-FALA-SOBRE-CLARICE-LISPECTOR.aspx>. Acesso em: 24 set. 2019.

GUIDIN, M. L. Uma biografia pop: nova edição de livro sobre vida e obra de Clarice Lispector segue repleta de equívocos defendidos por Benjamin Moser. **Jornal Rascunho**, Curitiba, n. 212, dezembro de 2017. Disponível em: <http://rascunho.com.br/uma-biografia-pop/>. Acesso em: 27 set. 2019.

KÜMMEL, B. C.; MENEZES, L. M. A introdução de Benjamin Moser à Crônica da casa assassinada: o biografismo literário e a valorização da informação frívola. **Fronteiraz**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, São Paulo, n. 19, dezembro de 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/33447>. Acesso em: 27 set. 2019.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.

LISPECTOR, C. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

LISPECTOR, C. **Clarice Lispector entrevistas**. Organização de Claire Williams; preparação de originais e notas biográficas de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MONTERO, T. **O Rio de Clarice: passeio afetivo pela cidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editoro, 2018.

MOSER, B. **Clarice, uma biografia**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MOSER, B. Glamour e gramática. *In: Todos os contos*: Clarice Lispector. Org. de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MOSER, B. **Autoimperialismo**: três ensaios sobre o Brasil. Trad. Eduardo Heck de Sá. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

RODRIGUES, A. H.; GABRIEL, R. S. Benjamin Moser: Clarice Lispector e eu deciframos um ao outro. O escritor americano é responsável pelas novas edições da escritora brasileira em inglês e por divulgar sua obra mundo afora. **Revista Época**, São Paulo, 17 mai. 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/05/benjamin-moser-clarice-lispector-e-eu-deciframos-um-ao-outro.html>. Acesso em: 8 out. 2019.

WALDMAN, B. **Entre passos e rastros**: presença judaica na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Data de submissão: 20/05/2019

Data de aprovação: 08/08/2019